

O TRABALHO FEMININO NA OBRA “CASA DE PENSÃO”, DE ALUÍSIO AZEVEDO

FEMALE WORK IN THE WORK “*CASA DE PENSÃO*,” BY ALUÍSIO AZEVEDO

Amércia da Silva Costa ¹
Francisca Liciany Rodrigues de Sousa ²

Resumo: Este estudo examina o trabalho feminino na obra “Casa de Pensão” (2020), de Aluísio Azevedo, devido à necessidade de novas abordagens na literatura que contemplem a representação da mulher em atividades laborais frequentemente invisibilizadas. O trabalho feminino, muitas vezes confinado ao espaço doméstico e considerado natural ao sexo, é tratado como “não trabalho” ou a ele é dada pouca importância. No entanto, esta análise propõe uma discussão sobre o trabalho reprodutivo como elemento de transformação social sob a ótica da Crítica Literária Feminista. Utilizando uma metodologia bibliográfica analítico-qualitativa, o estudo se apoia em autores como Saffioti (1976), Zola (1982) e Melo e Castilho (2009). A obra de Aluísio Azevedo, inscrita no Naturalismo, revela que o ambiente influencia a construção social dos indivíduos. Dentro desse contexto, conclui-se que as mulheres desempenham um papel crucial na construção do enredo, pois, apesar de seu confinamento no espaço doméstico, criam condições para o determinismo Naturalista operar no enredo.

Palavras-chave: trabalho reprodutivo; “Casa de Pensão”; Aluísio Azevedo; crítica feminista.

Abstract: This study examines women's work in the work *Casa de Pensão* (2020), by Aluísio Azevedo, due to the need for new approaches in literature that contemplate the representation of women in frequently invisible work activities. Women's work, often confined to the domestic space and considered natural to sex, is treated as “non-work” or given little importance. However, this analysis proposes a discussion on reproductive work as an element of social transformation from the perspective of Feminist Literary Criticism. Using an analytical-qualitative bibliographic methodology, the study is based on authors such as Saffioti (1976), Zola (1982) and Melo e Castilho (2009). Aluísio Azevedo's work, inscribed in Naturalism, reveals that the environment influences the social construction of individuals. Within this context, we conclude that women play a crucial role in the construction of the plot, because, despite their confinement in the domestic space, they create conditions for Naturalist determinism to operate in the plot.

Keywords: reproductive work; *Casa de Pensão*; Aluísio Azevedo; feminist critique.

¹ Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), graduanda em Educação Física pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6474096476494828>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0917-1732>. E-mail: amerciak@gmail.com

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), professora Temporária do Curso de Letras- Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5603785742049512>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1630-8555>. E-mail: licianyrodriques@gmail.com

Introdução

O estudo literário permite que uma obra seja observada por diferentes perspectivas. Dessarte, quando se trata de um cânone literário como as obras de Aluísio Azevedo, os trabalhos de análise se proliferam, mas não se extingue a quantidade de assuntos que podem ser abordados. No universo literário criado por Aluísio Azevedo em “Casa de Pensão” (2020), uma temática que chama a atenção é a representação das mulheres no final do século XIX, mais especificamente o trabalho feminino apresentado na obra. Este artigo, por meio de uma pesquisa bibliográfica analítico-qualitativa, busca identificar e analisar esse tema, dada a pouca atenção dedicada ao trabalho feminino e aos seus desdobramentos na literatura de Aluísio Azevedo.

“Casa de Pensão”, influenciada pela corrente teórica naturalista proposta por Émile Zola (1982), aborda as debilidades que o meio provoca no caráter das pessoas. Na obra, é apresentado ao leitor o protagonista Amâncio, um sonhador byroniano que busca prazeres como sexo, bebedeiras e festas, que aproveita sua ida da província do Maranhão para a corte, no Rio de Janeiro, para realizá-los. A viagem, que deveria ter como propósito o estudo, leva-o para outro caminho, tanto por conta do seu caráter (aventureiro, dissimulado e inconsequente), moldado desde a infância e pelo meio que viveu, quanto pelas pessoas que cruzam o caminho dele.

Segundo o determinismo social e biológico naturalista proposto por Émile Zola (1982), o espaço em que se vive influencia a construção do ser social. Em “Casa de Pensão”, a maior parte da narrativa é ambientada em espaços domésticos, nos quais há uma predominância da figura feminina realizando atividades laborais. Por meio disso, é possível identificar os trabalhos femininos e as influências que incidem na vida de Amâncio. Por exemplo, a infância burguesa do personagem está diretamente ligada à mãe, cujo trabalho consiste em proteger excessivamente o filho único, além de deixá-lo aos cuidados do trabalho escravo desempenhado pela ama de leite. Segundo o narrador, “esses pequenos episódios de infância, tão insignificantes na aparência, decretaram a direção que devia tomar o caráter de Amâncio” (Azevedo, 2020, p. 19).

Na narrativa ora analisada, essas mulheres são tratadas como elementos secundários na jornada de Amâncio. Contudo, é possível salientar a importância imediata de cada uma na formação de caráter e no bem-estar social dele através do

trabalho reprodutivo feminino. Se o cunho naturalista da obra dita que o meio interfere na formação do homem e a casa é o espaço relegado ao cuidado da mulher, percebe-se

[...] a importância de estudos que considerem a dimensão do trabalho como categoria central de análise das relações de gênero, já que esta categoria incorpora, historicamente, visíveis relações de desigualdade e de poder assimétrico entre homens e mulheres (Cyrino, 2009, p. 68).

Posto isso, é possível se encontrar pesquisas relacionadas à mulher enquanto mãe, esposa ou sobre ligadas ao caráter da figura feminina. Entretanto, ainda são poucos os estudos literários sobre a representação da mulher a partir das funções laborais que exerce e, ainda mais, como elemento de transformação social, capaz de contribuir com o desenvolvimento dos enredos literários.

Para apresentar esse novo viés sobre a posição da mulher na literatura, o primeiro capítulo oferece uma breve reflexão sobre a condição da mulher no século XIX e as tendências naturalistas. Em seguida, discute-se a relação da mulher com o trabalho, e, por fim, realiza-se a análise dos trabalhos femininos identificados na obra “Casa de Pensão”.

Os objetivos específicos de pesquisa são alcançados por meio da identificação de passagens da obra em que o trabalho das personagens está, muitas vezes, limitado às atividades domésticas, voltados para a reprodução e o bem-estar dos indivíduos. E a importância do trabalho feminino para o desenvolvimento da narrativa naturalista, ao influenciar algumas escolhas do protagonista Amâncio.

A mulher no século XIX e o Naturalismo

Antes de abordar o trabalho feminino, é importante tecer algumas considerações sobre a condição da mulher no momento histórico em que a obra “Casa de Pensão” foi escrita por Aluísio Azevedo. Em 1884, ou seja, no final do século XIX, a posição da mulher variava significativamente de acordo com a raça e a classe social que ocupava. O país vivia o regime de monarquia constitucional parlamentarista e a sociedade brasileira dividia-se em províncias, o Rio de Janeiro era a capital do país e grande parte da economia provinha da agricultura. A legislação da época apresentava de forma clara a subordinação da mulher ao homem naquele contexto.

A legislação sobre o trabalho feminino anterior à nova Constituição baseada em princípios como a fragilidade feminina, a defesa da moralidade, a proteção a prole, a natural vocação da mulher para o lar e o caráter complementar do salário feminino - fundamentou-se em um ideal de família patriarcal encabeçada pelo homem e teve por objetivo proteger a trabalhadora em seu papel de mãe. Impôs com isso uma série de restrições ao trabalho feminino (Bruschini, 1994, p. 27).

Contudo, esse estatuto não era válido para as mulheres escravizadas que trabalhavam em pé de igualdade com os homens nas lavouras, bem como era inválido para aquelas das classes mais pobres — que recorriam à prostituição nas cidades ou realizavam trabalhos braçais pesados. Observam-se dois perfis que representam a condição da mulher nesse contexto: aquela dependente do responsável homem e aquela que, devido à classe social, era “escrava da necessidade de subsistência”, situação que lhe dava uma “falsa liberdade” para trabalhar ou transitar em espaços públicos. Essa liberdade pode ser considerada falsa porque ainda eram incapazes de sobreviver de forma autônoma de seu trabalho, ainda sendo necessário responder a um superior masculino (Knonkel; Cardoso; Hoff, 2005).

A educação feminina, por sua vez, era restrita às classes mais altas e abrangia o ensino de geografia, história, aritmética, composição literária, doutrina cristã e trabalhos com agulha até aos 12 anos, idade na qual já era permitido casar. Embora elas tivessem acesso ao ensino, as mulheres não podiam estudar tudo que os homens aprendiam nas ciências, assim, estavam limitadas ao enriquecimento cultural e a atividades que auxiliassem na economia doméstica. Nesse sentido, a preparação para constituir uma família era a principal tarefa das mulheres. Ressalta-se que

[...] a constituição da família tradicional (patriarcal) brasileira iniciou-se com a solidificação da base econômica e legal da Colônia, com o direito canônico e o respaldo da Igreja Católica, ligada ao latifúndio e à escravidão. A organização dessa família herdou traços da herança cultural portuguesa fundamentada no direito paterno, no poder patriarcal, centrado na ideia do homem como chefe de família e na submissão e reclusão da mulher. A Igreja metropolitana, a serviço do Estado português, buscava controlar as populações coloniais, ditando regras morais, principalmente em relação às mulheres. “A igreja entendia que confinada à casa, delimitada pela privacidade doméstica, a mulher, e sobretudo a mãe, poderia fazer o trabalho de base para o estabelecimento do edifício familiar” (Del Priore, 1994, p. 69 *apud* Alves, 2013, p. 276).

Confinadas no espaço privado do lar, a mulher era excluída da vivência social. Segundo Emília Viotti da Costa (1997, p. 244), “a rua continuava a ser domínio de escravos, vendedores ambulantes, rameiras, artífices e vagabundos. As mulheres de alta

classe não eram vistas nas ruas ou em outros lugares públicos com exceção da igreja”. Ou seja, mesmo com vantagens econômicas, essas mulheres eram excluídas dos espaços políticos de decisão, dos estudos científicos e até da produção literária, situação legitimada socialmente.

A formação cultural do Brasil, por sua vez, foi durante muitos anos influenciada pelos padrões europeus. Paris destacava-se como referência cultural, política e científica, as principais leituras eram francesas, logo, as referências teóricas consumidas pelos intelectuais brasileiros eram provenientes da França. Neste ponto, a Revolução Industrial estava em seu auge e uma nova forma de organização da vida econômica surgia. Conforme Heleieth Saffioti (1976), o surgimento do capitalismo se dá em condições extremamente adversas à mulher. No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, a figura feminina contaria com a desvantagem social decorrente da tradicional subvalorização de sua capacidade. Naquele momento, essa desvantagem era socialmente justificada por teorias biológicas de natureza evolutiva, como os estudos de Charles Darwin.

Em seu livro “Segundo Sexo” (2019), Simone de Beauvoir discorre sobre a opressão imposta à mulher devido à sua característica biológica de procriação, entendida como o aspecto que a impedia de caçar e prover a sua subsistência em dados momentos. Para a autora, essa “situação da mulher” a definiu como o Outro sobre o qual o homem se impôs distintivamente, reservando-se o espaço social e relegando a mulher ao espaço da vida privada. No decorrer do desenvolvimento histórico e econômico da humanidade, tal visão de mundo foi sedimentada e normalizada socialmente. Em vista disso,

[...] de acordo com a época de um trabalho literário, procura-se investigar a quais interesses e ideologias tal texto serve em relação à representação do sexo feminino, além de suas contribuições positivas e/ou negativas para a condição da mulher na sociedade (Casagrande; Zolin, 2007, p. 16).

Faz-se necessário ultrapassar a perspectiva de que a mulher cabe somente a realização do trabalho doméstico. Para isso, é importante ir além da naturalização dos discursos biológicos de inferioridade e analisá-los na obra. Assim, é preciso compreender como a tendência naturalista se apresenta na literatura a fim de analisar criticamente o perfil do trabalho feminino em “Casa de Pensão”.

No século XIX, surgiu na Europa a tendência de valorização do caráter científico, objetivo e racional, o chamado “cientificismo”. São deste período pesquisas como a de

Charles Darwin sobre a questão evolucionista dos seres vivos; de Auguste Comte, que argumentou que os atos humanos são funções do corpo ou da sociedade; e, por fim, do biólogo Ernest Haeckel, que apresentou discussões sobre como mecanismos raça-meio-ambiente determinam as ações realizadas pelos seres humanos. Essas perspectivas influenciaram movimentos artísticos e geraram uma nova forma de estilo literário cunhado “Naturalismo”.

O termo “naturalismo”, na Literatura, nasce da concepção de que todos os elementos da natureza estão submetidos às mesmas leis e as mesmas circunstâncias, incluindo os seres humanos. Émile Zola, o principal nome do Naturalismo, explicou sobre essa teoria e estilo no livro “O Romance Experimental” (1982). Assim:

O Naturalismo é o retorno à natureza; é essa operação que os cientistas fizeram no dia em que imaginaram partir do estudo dos corpos e dos fenômenos, basear-se na experiência, proceder pela análise. O Naturalismo, nas letras, é igualmente o retorno à natureza e ao homem, a observação direta, a anatomia exata, a aceitação e a pintura do que existe (Zola, 1982, p. 92).

Pode-se inferir que o Naturalismo literário funciona da mesma forma que o Naturalismo científico: baseado no estudo do homem, da natureza e no empirismo. A observação era o método para os escritores criarem as suas obras, eles partiam do real, das ações humanas e do local de vivência para construir suas narrativas ficcionais.

Para imprimir em sua obra a tendência naturalista, Aluísio Azevedo baseou-se na sua experiência e observação do cotidiano. Inspirou-se, em particular, em um caso de grande repercussão no Rio de Janeiro, ocorrido em 1876, conhecido como “Questão Capistrano” pelas matérias jornalísticas da época.

O caso envolvia Júlia Clara Pereira, proprietária de uma pensão Rio de Janeiro, e seus filhos Júlia Pereira e Antônio Alexandre Pereira. Entre os hóspedes estava o estudante João Capistrano da Cunha que, em uma noite de janeiro, violentou sexualmente Júlia Pereira. Após o ocorrido, a jovem relatou o crime à família, o que resultou na fuga do agressor e no registro de uma queixa-crime que o levou à prisão e, posteriormente, a ser julgado. O rapaz acabou absolvido e ovacionado pelos colegas numa celebração pública em 17 de novembro. Porém, três dias depois, Antônio Alexandre Pereira assassinou Capistrano por vingança. Dois meses depois, Antônio Alexandre Pereira foi absolvido do crime devido à cobertura jornalística e à comoção pública pelo ato do rapaz em tentar salvar a honra da irmã e da família (Enne; De Souza, 2009).

Em “Casa de Pensão”, o autor estabeleceu um enredo baseado no crime verídico da “Questão Capistrano”, em que apresenta um novo grupo de personagens e novos acontecimentos que ficcionalizam o caso. Na construção das personagens do romance, como aponta Candido (2009), o processo ocorre na relação com o real para sua concretização. Aluísio Azevedo (2020) manipula as concepções fisiológicas das personagens e os ambientes que habitam elementos cruciais para o desenvolvimento do enredo: um mundo ficcional regido por suas próprias leis e que busca imprimir os critérios estéticos Naturalistas.

A obra aborda temas como a disputa por dinheiro, as patologias sociais e a impunidade, as personagens são retratadas como reflexos dos seus ambientes e das tendências biológicas herdadas. Entretanto, para a análise deste estudo, é importante observar a tendência naturalista do estilo literário e sua intersecção com questões biológicas no que diz respeito à mulher.

Para isso, a análise do presente estudo toma como base a crítica literária feminista por entender que a representação da mulher ocupa uma posição marginalizada na literatura. Essa exclusão decorre tanto do não acesso à produção feminina (e reconhecimento) dela durante muitos anos quanto da representação feminina baseada em estereótipos negativos e nos papéis secundários que desempenham nas narrativas. Em vista disto,

[...] se as relações entre os sexos se desenvolvem segundo uma orientação política e de poder, também a crítica literária feminista é profundamente política na medida em que trabalha no sentido de interferir na ordem social. Trata-se de um modo de ler a literatura confessadamente empenhado, voltado para a desconstrução do caráter discriminatório das ideologias de gênero, construídas, ao longo do tempo, pela cultura. Ler, portanto, um texto literário tomando como instrumentos os conceitos operatórios fornecidos pela crítica feminista [...] implica investigar o modo pelo qual tal texto está marcado pela diferença de gênero, num processo de desnudamento que visa despertar o senso crítico e promover mudanças de mentalidades, ou, por outro lado, divulgar posturas críticas por parte dos(as) escritores(as) em relação às convenções sociais que historicamente têm aprisionado a mulher e tolhido seus movimentos (Zolin, 2019, p. 218).

Em “Casa de Pensão”, o foco principal da narrativa recai no protagonista Amâncio, mas é evidente que o desenvolvimento (do personagem) é construído a partir da influência de cada mulher que esteve presente na vida dele.

Ao discorrer sobre as mulheres e a ficção, em seu ensaio “Um teto todo seu” (2019), a escritora Virginia Woolf apresenta a “alegoria do espelho” para ilustrar o papel

da mulher, que reflete a imagem do homem de forma engrandecida ao mesmo tempo em que é diminuída em comparação a ele. À vista disso, torna-se necessário ressignificar o papel das mulheres em textos canônicos. Para isso, faz-se premente evidenciar as ações realizadas pelas personagens como o cuidado do lar e da família, vistos como caráter biológico. Na verdade, precisam ser desmistificados como condição natural e de importância inferior ao que é realizado pelo homem. Graças a crítica literária feminista, novos vieses de observação são possíveis e, assim, é possível identificar as representações do trabalho feminino desatrelado do pertencimento biológico e sim como uma condição imposta historicamente.

A mulher e o trabalho

Como visto, no desenvolvimento da sociedade, uma série de concepções serviram como justificativa para delimitar a função da mulher, contê-la e direcioná-la aos padrões exigidos do comportamento feminino. Retomando a alegoria do espelho formulada por Virginia Wolf (2019), a mulher, nessas condições, não representa riscos competitivos ao homem, especialmente no campo profissional. Isso ocorre porque o trabalho doméstico, relegado a elas, não é remunerado e socialmente desvalorizado.

Para Melo e Castilho (2009), a divisão sexual do trabalho, consolidada desde a industrialização, possibilita compreender porque as atividades realizadas pelas mulheres no ambiente familiar são desvalorizadas. Essas atividades são consideradas como não trabalho devido à confusão entre os conceitos de “produção” e “produção de mercadorias”, bem como o de “trabalho” e “emprego”. Essa lógica implica uma associação linear entre a atividade masculina associada à produção de mercadorias em espaços públicos e à participação política; e a atividade feminina vinculada às funções domésticas exercidas no seio familiar, cujo caráter é apolítico e não remunerado.

Conforme Marx (2015), entende-se por trabalho toda ação, física ou psicológica, ou seja, de preparar-se mental ou fisicamente, com o objetivo de obter um propósito, modificando a natureza ao seu redor e a si mesmo durante o processo. A produção de mercadorias é apenas uma das inúmeras atividades compreendidas nesse conceito.

Desse modo, na obra, a simples ação de organizar a mala do filho Amâncio, realizada por Dona Ângela, caracteriza-se como trabalho, assim como a organização das finanças e a limpeza da casa feita por Hortênsia. Ou, ainda, o trabalho realizado por

Madame Brizard, que gerencia uma pensão, cuida dos hóspedes e faz as compras domésticas. Do mesmo modo, Amélia busca aprender a costurar, a cozinhar e a enriquecer seu repertório cultural realizando diversas leituras, tudo isso com o propósito de ser dona de casa e ter filhos, preparando-se física e psicologicamente para essas tarefas. Em suma, são ações que exigem tempo e planejamento, logo, são formas de trabalho.

Tais ações podem ser definidas ainda como “trabalho reprodutivo” — toda tarefa física ou psicológica que engloba o bem-estar humano, seja “a reprodução dos seres humanos, o trabalho doméstico, a socialização das crianças e o cuidado com os idosos e doentes” (Melo; Castilho, 2009, p. 138-139).

Salientamos que essas tarefas que, historicamente, estão ligadas ao parentesco familiar e à mulher, quase como condição natural das mulheres, são subestimadas intimamente por sua relação com o gênero. E para desconstruir isso

[...] o novo olhar feminista tem como uma das temáticas recorrentes a *invisibilidade* do trabalho da mulher, que está profundamente ligada à desqualificação do trabalho doméstico e à inferioridade feminina. Esse é um dos temas mais antigos trazidos pelo feminismo para as ciências sociais e tem pautado a tentativa de reinterpretar os conceitos de trabalho doméstico e trabalho produtivo/improdutivo (Melo; Castilho, 2009, p. 138).

A diferença entre o trabalho produtivo e o trabalho reprodutivo reside no fato, como já mencionado, do trabalho doméstico (que é reprodutivo) ter sido imposto às mulheres. Assim, “como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas uma necessidade interna, uma aspiração, supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina” (Federici, 2019, p. 42), em vez de ser reconhecido como trabalho. Para Federici (2019), isso se deve ao desenvolvimento do capitalismo que destinou esse trabalho a não ser remunerado para conter os custos da força de trabalho.

A análise do trabalho da mulher não pode se limitar à análise de profissões, pois, em cada contexto histórico e de classe social, a liberdade feminina foi distinta. Houve épocas em que mulheres não podiam trabalhar em empregos convencionais, com exceção das mulheres negras escravizadas, que não eram vistas como mulheres ou com qualquer olhar humanizado. Um exemplo disso, em *Casa de Pensão*, é o da ama de leite de Amâncio, que sequer é nomeada e é apagada como um ser, considerada apenas um objeto, uma mão de obra.

Diante do exposto, para melhor compreender o trabalho feminino, será visto em “Casa de Pensão”, os trabalhos realizados pelas personagens femininas, ressaltando sua importância para o desenvolvimento do enredo. Para isso, levou-se em conta o cunho Naturalista da obra, que delineia teses deterministas para as ações dos indivíduos. Portanto, a mulher, responsável historicamente pelo cuidado doméstico e criação dos indivíduos carrega atributos de fundamental importância para a análise desta corrente literária, conforme exposto no tópico a seguir.

Os trabalhos femininos na obra “Casa de Pensão” de Aluísio Azevedo

Este trabalho sobre “Casa de Pensão” (2020) tem como objetivo a análise dos trabalhos femininos. Os trabalhos analisados estão ligados às seguintes personagens: Hortênsia, Madame Brizard, Amélia e, brevemente, Dona Ângela e a escrava que lhe pertence. Essas personagens foram selecionadas porque as atividades por elas exercidas enquadram-se nos critérios de trabalho reprodutivo. Devido ao grande número de figuras femininas e a fim de manter a objetividade necessária, não haverá uma análise das personagens em si, mas das atividades laborais exercidas por elas e que impactam na construção da narrativa. Por questões metodológicas, os trechos mencionados sobre o trabalho feminino seguem a ordem cronológica da narrativa da história, de modo a evidenciar a importância que os trabalhos dessas mulheres têm na trama.

Em “Casa de Pensão”, a narrativa gira em torno de Amâncio, que cresce sob o cuidado maternal de D. Ângela, no Maranhão. Por ser filho único, o jovem apresentava um comportamento arteiro e sempre encontrava na mãe “um coração aberto para lhe receber as lágrimas e os queixumes. Também, só elas, as mães, podem servir a tão delicado mister³” (Azevedo, 2020, p. 35). Isso revela o trabalho realizado pela mãe para a educação e bem-estar psicológico do filho, prestando o apoio necessário para o desenvolvimento dele. Na festa de despedida de Amâncio, que partiria para o Rio de Janeiro, a senhora reconhece sua preocupação ao comentar com o convidado Dr. Silveira: “— Quem tem filho, tem cuidados, senhor doutor!...” (Azevedo, 2020, p. 24), revelando estar ciente de seu dever, o qual pode ser reconhecido como trabalho reprodutivo.

³ Nota da publicação Azevedo (2020) - Mister: Trabalho, serviço, ocupação.

A infância de Amâncio também contou com a presença de uma mulher escravizada, identificada como sua ama de leite. Segundo o narrador, ela era “Além disso, forte, rija para o trabalho” (Azevedo, 2020, p. 21), característica comum dada às mulheres negras. É sobre a ama que recai a maioria das tarefas domésticas mais pesadas e do cuidado com o menino. A cativa é quem amamenta Amâncio e termina por transmitir-lhe uma doença reumática que o tornará fraco da saúde. Tal fato, à luz das teses deterministas do Naturalismo, determinará alguns problemas que apareceram na vida adulta do rapaz.

Amâncio parte para estudar no Rio de Janeiro e se hospeda na casa de Campos e sua esposa, Hortênsia, “que se saíra uma excelente dona de casa, muito arranjadinha, muita amiga de poupar [...] e limpa, ‘limpa que fazia gosto’” (Azevedo, 2020, p. 11). Ela cuida das finanças domésticas, limpeza e bem-estar do marido e do lar. O trabalho doméstico realizado pela mulher é tão louvável que Amâncio, ao decidir se mudar, o toma como parâmetro, como pode ser observado no trecho a seguir.

[...] vivia, pois, num brinco; nem um escarro seco no chão. Os móveis luziam, como se tivessem chegado na véspera da casa do marceneiro; as roupas da cama eram de uma brancura fresca e cheirosa; não havia teias de aranha nos tetos ou nos candeeiros e os globos de vidro não apresentavam sequer a nódoa de uma mosca (Azevedo, 2020, p.11).

Em outro momento, o jovem maranhense, em breve visita a uma república estudantil, percebeu que o local “respirava todo um ar de triste de desmazelo e boêmia. Fazia má impressão estar ali [...]” (Azevedo, 2020, p. 55), comparado com a casa de Campos:

[...] se por um lado não lhe convinha ficar em companhia do Campos: por outro, a idéia de se meter na república do Paiva não o seduzia absolutamente. Aquela miséria e aquela desordem lhe causavam repugnância. Queria liberdade, a boêmia, a pândega: “sim senhor!”. Tudo isso, porém, com um certo ar, com uma certa distinção aristocrática. Não admitia uma cama sem travesseiros, um almoço sem talheres e uma alcova sem espelhos. Desejava a bela crápula: “por Deus que desejava! mas não bebendo pela garrafa e dormindo pelo chão de águas-furtadas! — Que diabo! — não podia ser tão difícil conciliar as duas coisas!...” (Azevedo, 2020, p. 61-62).

O contraste entre a república estudantil e a casa de Campos ressalta a importância do trabalho doméstico com o qual o jovem teve contato. Hortênsia, devido à sua posição social, dedicava exclusivamente ao lar e o trabalho por ela exercido possibilitava a ordem e a “distinção aristocrática” (Azevedo, 2020, p.62) desejadas pelo protagonista. A realização dos trabalhos domésticos ao qual Amâncio teve contato

promove o bem-estar do jovem que busca uma casa que tenha atributos parecidos aos prestados por Hortênsia.

Nesse contexto, Amâncio recebe um convite de João Coqueiro para conhecer a pensão que mantém com a esposa, Madame Brizard. Ao visitá-la, o interiorano percebe que “[...] bem podia ser que ali estivesse o que ele procurava, — um cômodo limpo, confortável, um pouquinho de luxo, e plena liberdade” (Azevedo, 2020, p.62). O trecho indica, indiretamente, que o cuidado doméstico é um dos responsáveis pela manutenção do bem-estar e da liberdade masculina, visto que não é necessário ao homem preocupar-se com esses afazeres, dedicando, assim, maior carga horária às atividades que lhe apeteçam.

Madame Brizard desempenha em sua pensão uma dupla jornada de trabalho: o gerenciamento da pensão, sua fonte de renda; e o trabalho reprodutivo familiar, cuidando da filha Nini, que está doente, e do neto César. Ela reside em um local que o trabalho remunerado e o reprodutivo (visto como não trabalho) dividem o mesmo espaço, o que ocasiona a desvalorização de sua contribuição doméstica. Como é perceptível na fala de seu marido, João Coqueiro:

[...] Amâncio reatava a sua conversa com o Coqueiro
— É como lhe digo, recapitulava este. — Aquilo não é um hotel, é uma casa de família! Não temos hóspedes, temos amigos! Minha mulher é quem toma conta de tudo!...E dando à voz um tom grave: — Ela é muito asseada, muito exigente em questões de comida! Você não imagina!...Ao almoço temos três pratos, a escolher, leite, chá ou café, e vinho; pelo almoço pode calcular o que não será o jantar! — E depois é preciso observar a qualidade dos gêneros!...enfim, só mesmo você indo ver! (Azevedo, 2020, p. 47) (grifo nosso).

Em outro momento, João Coqueiro acrescenta:

— O Dr. Amâncio de Vasconcelos! Gritou o Coqueiro, empurrando o colega para junto das senhoras. E acrescentou, designando-as: — Minha mulher e minha irmã...O amigo já sabe que são duas criadas que aqui tem às suas ordens! (Azevedo, 2020, p. 83) (grifo nosso).

Os espaços público e privado se misturam, afinal, “não é um hotel, é uma casa de família!”, e as mulheres que vivem na casa de pensão também trabalham lá. Ao se referir a elas como “duas criadas”, ele reconhece a força de trabalho doméstico como produtiva, assim como em “Minha mulher é quem toma conta de tudo!”. Porém, há o não reconhecimento desse trabalho novamente em “são duas criadas que aqui tem às ordens!”, não delimitando quais serviços elas prestam, mas sim reduzindo essas

mulheres quase à condição de escravas domésticas. Conforme explica Federici (2019, p. 43):

Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele, exceto na querela privada do quarto-cozinha, que toda sociedade concorda em ridicularizar, reduzindo ainda mais o protagonismo da luta. Nós somos vistas como mal-amadas, não como trabalhadoras em luta.

Assim, a disposição de Amélia e Mme. Brizard como criadas, subserviente a quaisquer desejos do hóspede, ridiculariza o trabalho realizados por elas e nega seu devido valor. A subserviência feminina está ligada à tendência naturalista biológica do seu sexo: assim, a função da mulher é servir e esse serviço não é visto como ato a ser remunerado ou sequer reconhecido como ocupação.

Curiosamente, Melo e Castilho (2009, p. 142) apontam os seguintes dados sobre a População Economicamente Ativa do Brasil (PEA): “as pessoas que exercem apenas afazeres domésticos — as donas de casa sequer são consideradas como força de trabalho” recebem a classificação de população inativa. Quando essas mesmas atividades são realizadas no contexto de um empreendimento familiar, ainda que sem remuneração, elas são tratadas como parte da população ocupada.

No romance, Madame Brizard mostra-se ciente da importância de suas habilidades. Em diálogo com Amâncio sobre a organização do quarto, ela afirma: “— Nós podemos ajudá-lo nesse trabalho, acudiu a velha. — Certas coisas só ficam bem feitas por mão de mulher!” (Azevedo, 2020, p. 113). Novamente, a narrativa reafirma a naturalização do cuidado doméstico relacionado ao sexo biológico, no caso, ao sexo feminino, não como trabalho, mas como um talento natural. Acrescenta-se ainda que as próprias mulheres mantinham essa compreensão de forma naturalizada nesse contexto.

Era comum, no século XIX, a concepção de que a mulher deveria ter desenvoltura para cuidar do lar e dos familiares, além de se preparar para o matrimônio— basicamente, manter-se virgem até o casamento (garantia do pertencimento da mulher ao marido e da legitimidade dos filhos). Assim, uma das personagens de interesse para esta análise é a enteada de Mme. Brizard, Amélia. Ela “[...]aprendera a ler e a escrever, tocava já o seu bocado de piano [...]” (Azevedo, 2020, p. 70), pois “[...]ardia, com efeito por achar marido, por se tornar dona de casa. A posição subordinada de menina solteira não se compadecia com a sua idade e com as desenvolturas do seu espírito” (Azevedo, 2020, p. 80). Seu destino natural era se aperfeiçoar e aceitar, de modo submisso, as

ordens do responsável familiar e, posteriormente, do marido. Desse modo, “[...] a submissão aparece como a expressão feminina do amor conjugal” (Ariès, 1987, p. 158 *apud* Medeiros, 2009, p. 60).

Seu irmão, João Coqueiro e Mme. Brizard tramam um plano para aproximar Amélia de Amâncio e, assim, prover um bom casamento para a moça. Amélia aceita o plano, já que tinha 23 anos, uma idade avançada para uma mulher solteira à época e com poucas chances de conseguir outro bom pretendente rico. Por conseguinte, João Coqueiro

[...] enquanto Mme. Brizard aprontava com Amélia o gabinete, escreveu ele a carta que Amâncio encontrou sobre a cômoda. Não descansaram mais um instante. Desde pela manhã do dia seguinte andava a casa em grande alvoroço. Foi preciso varrer, escovar, remover do gabinete os móveis que o atravancavam. Preparou-se uma bela caminha, coberta de lençóis claros e cheirosos; estendeu-se um tapete no chão; colocou-se a um canto o lavatório, encheu-se o jarro que ficou dentro da bacia, ao lado das toalhas (Azevedo, 2020, p. 82).

A limpeza da casa para receber Amâncio fica sob os cuidados de Amélia e Mme. Brizard. Quando o jovem estudante chega à pensão, “estava tudo bem arrumado e muito limpo; não se podia desejar melhor aspecto de felicidade caseira; em tudo: a mesma aparência austera e calma de uma velha paz inquebrantável e honesta” (Azevedo, 2020, p. 83). Isso produz boa impressão no convidado, que decide se mudar para o local. Com sua chegada, novos trabalhos domésticos são realizados por Amélia, como organização do quarto e as roupas

[...] e arrumava tudo, com muito cuidado, nas gavetas da cômoda. Tomava religiosamente sobre os braços os pesados lençóis, os maços de ceroulas em folha, os pacotes intactos de meias listradas, os de lenços barrados de seda, os colarinhos de todos os feitios, as gravatas de todas as cores. E não acondicionava uma peça sem afagá-la, sem lhe passar por cima as mãos abertas (Azevedo, 2020, p. 116).

Quando Amâncio adoeceu, “apareceram-lhe dores reumáticas na caixa do peito e nas articulações de uma das pernas. Era o sangue de sua ama de leite que precipitava a rabear” (Azevedo, 2020, p. 179). O determinismo dos cuidados da infância pela ama de leite é acionado. Entretanto, é apresentado outro trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres: o cuidado com os doentes: “Foi Amelinha encarregada de ministrar ao doente, de hora em hora, uma colher do remédio” (Azevedo, 2020, p. 164). Assim, cabe à mulher zelar pela saúde e pela recuperação do enfermo:

Amelinha revelava-se extremamente solícita. Andava no bico dos pés, a borboletear pelo quarto, arrumando os livros sobre a mesa, apanhando a roupa espalhada pelo chão, acudindo qualquer movimento do estudante, que dormia entanguescido de baixo dos lençóis. Ele, coitado, parecia cada vez pior. Ardiam-lhe os olhos desabridamente; o hálito queimava; não podia suportar o cheiro do fumo e queixava-se de muita sede e comichão no corpo.

Amelinha sempre irrequieta e passarineira, preparava-lhe copos d'água com açúcar. Agachava-se à borda da cama, mexia e remexia com a colher o sacarífero calmamente e, depois de o provar com a pontinha da língua, passava-o às mãos de Amâncio (Azevedo, 2020, p. 164).

Aluísio Azevedo (2020, p. 199), através do narrador, determina que tais atitudes da jovem são definidas com “estiletas da personalidade feminina”, naturalizando tal ação como imanentes à mulher. A exemplo do adjetivo “passarinheira” dado à Amélia, ao se pôr abaixo da figura do homem e “provar com a pontinha da língua” ciscando a comida dele, cria uma imagem de inferioridade e submissão do trabalho realizado por ela. Amélia, que “redobrou de desvelos e meiguices para com ele”, assumiu a função do trabalho reprodutivo para promover o bem-estar humano: lidar com a medicação, os cuidados paliativos e de deixar o ambiente salubre:

Amelinha quem lhe arrumava o quarto, quem lhe cuidava da roupa, e, já por fim. Era até quem lhe levava o cafezinho pela manhã. Mas não entrava, apenas metia o braço pela abertura da porta que ficava sempre encostada, depunha cautelosamente a xícara sobre soaço, e, se Amâncio ainda dormia, gritava-lhe no seu falsete aprazível:

- Preguiçoso, acorde! São horas! (Azevedo, 2020, p. 200).

Tal proximidade fez com que Amélia e Amâncio criassem uma relação na qual ela se doava em busca do casamento. No entanto, Amâncio, com seus 20 anos, desejava ainda a vida boemia e de festas, como um rapaz livre, por mais alguns anos. Como não queria se casar, comprava a jovem atendendo seus desejos materiais, e assim mantinha uma convivência pacífica para si. Nesse arranjo, ela continuava cedendo o corpo em troca de bens materiais, como único produto que tinha para realizar suas ambições.

Seguindo seus instintos de infância, “[...] de todos os brinquedos o que Amâncio mais estimava era o de “fazer casa”. A casa fazia-se sempre debaixo de uma mesa, com um lençol em volta, figurando as paredes. [...]” (Azevedo, 2020, p. 59). Amâncio compra uma casa nova para atender às exigências de Amélia e custeia os pagamentos das despesas da família dela. Lá a moça

parecia viver exclusivamente para lhe dar carinhos e afagos. Era como se fora sua esposa; deixava tudo de mão para só cuidar do amante. — Ele estava em primeiro lugar! Agora a pequena lhe fazia a cama; levava-lhe ao quarto o moringue d'água, penteava-lhe os cabelos, e exigia que o rapaz lhe dissesse os

passos que dava, por onde estivera, com quem falara e o dinheiro que gastara. Revistava-lhe conjugalmente as algibeiras, lia-lhe as cartas e, sempre desconfiada, cheirava-lhe as roupas (Azevedo, 2020, p. 227).

Amélia tinha uma vida de casada, sustentada pela conveniência do irmão e pela enganação de Amâncio. Ela assume as tarefas domésticas de “benfeitorias que a ‘sua’ casa reclamava; substituir, por exemplo, o papel da sala de visitas, que era de mau gosto; meter-lhe água, que não havia, e fazer esteirar os aposentos destinados a si junto com seu homem” (Azevedo, 2020, p. 235).

A questão da divisão sexual do trabalho é retomada em: “Mas Amâncio não podia distrair tempo com essas coisas” (Azevedo, 2020, p. 235). É possível identificar uma distinção entre os trabalhos de homens e mulheres. Também é perceptível uma hierarquização entre eles: ao estabelecer como “perda de tempo” o trabalho de “benfeitorias” da casa que Amélia planeja, ou seja, indica maior valorização do trabalho de homens e desvalorização do trabalho das mulheres.

Assim, no Rio de Janeiro, Amâncio vive parte de sua trajetória na companhia de mulheres que desempenham papéis centrais no desenrolar da narrativa. Os enlaces e desenlaces da narrativa irão decretar seu destino. Medeiros (2009, p. 60) afirma que

[...] a maioria das personagens dessa obra de Aluísio Azevedo está acorrentada pelo mesmo elemento: o dinheiro. Amâncio era o único que possuía bens, porém, na Corte, deparou com o processo de degradação, de perda e de reificação. Coqueiro, Madame Brizard, Amélia, Lúcia, Paiva e tantos outros amigos só se aproximaram do provinciano com o objetivo de extorquir-lhe dinheiro. As amizades, o carinho e o amor somente eram conseguidos à base de dinheiro.

Esse apontamento reforça a importância do dinheiro como elemento central da subsistência humana e para a obtenção de *status* social, acesso a bens e ao alimento na mesa, o portador de fortuna tinha plena liberdade e uma vida digna. E, como a emancipação financeira da mulher pelo trabalho remunerado estava travada pelas condições culturais e econômicas da época, somente um bom casamento possibilitaria o alcance de certas posições.

As mulheres representadas na obra sob um ponto de vista negativo são qualificadas como frívolas, interesseiras e ávidas por bens materiais, comportamentos resultantes da cultura em que viviam. Em contrapartida, há uma evolução sob o ponto de vista positivo: o desejo pela emancipação, o esforço em se preparar intelectualmente com leituras e habilidades que reforçam seu valor pessoal mesmo em um cenário que

restringe seus direitos e possibilidades. Restam-lhes, assim, poucas saídas para a realização de suas ambições.

“Casa de Pensão”, de Aluísio Azevedo tem como desfecho a morte de Amâncio pelas mãos de João Coqueiro, após o jovem ser absolvido do crime contra a honra de Amélia que foi tirada. A morte de Amâncio virou notícia nos jornais. Posteriormente, João Coqueiro foi julgado e inocentado por defender a dignidade de sua irmã. Aos homens foi reservada a comoção e a glória pública. Para as mulheres, no entanto, os destinos são trágicos: Madame Brizard perde a pensão, que era seu lar e sustento; Amélia enfrenta a reclusão doméstica, o desamparo psicológico e financeiro; e à mãe de Amâncio, Dona Ângela, cabe o luto e desespero por descobrir a morte do filho meses depois por meio dos jornais na rua. Esses finais são ocasionados de forma direta e indireta por suas ações na narrativa, mas também expõem a falta de perspectiva dessas mulheres diante dos papéis e trabalhos que lhe são impostos.

Considerações finais

Durante décadas, as mulheres não conseguiram exercer atividades laborais nos espaços públicos, porém, eram responsáveis pelo bem-estar familiar, bem como pelo cuidado da casa, das crianças, dos idosos e dos doentes. Essas atividades se configuram como trabalho reprodutivo, não remunerado e invisibilizado em sua importância social.

O trabalho reprodutivo tem um grande significado para o bem-estar do ser humano, mas não possui um caráter mercantil. Dessa forma, é ignorado pelas ciências e desvalorizado pela sociedade, que finge não perceber o quanto as relações sociais dependem dele. Assim, a divisão sexual do trabalho está na essência da argumentação do pensamento feminista sobre as diferenças entre o papel feminino e o masculino.

Durante séculos, a política, a ciência, a cultura e a literatura foram escritas somente por homens, o que faz com que seus interesses se sobressaíam em relação aos interesses da mulher. Consequentemente, apenas um ponto de vista é retratado e a mulher assume a figura do elemento obstrutor do desenvolvimento social quando, na verdade, é o trabalho reprodutivo realizado por ela que cria condições para o desenvolvimento social. No caso da obra “Casa de Pensão”, o trabalho feminino cria condições para o desenvolvimento do determinismo Naturalista operar no enredo.

As personagens de “Casa de Pensão” (2020) permitem evidenciar a importância da atividade diária feminina para a subsistência humana. Os cuidados com o lar e com as pessoas e garantem a renovação das forças produtivas (alimentando, tratando doenças e dando acalento psicológico) dos que estão aos seus zelos.

A mulher, apesar de restrita ao espaço privado do lar, trabalha, o que é representado nessa obra de ficção, com seus atos de cuidado, planejamento prévio para atingir um fim e modificar o meio em que estão inseridas. Isso é o que define “trabalho”. Por fim, resta ressignificar os cânones literários a partir de um novo olhar para a mulher, buscar novas perspectivas para versar sobre o trabalho feminino nos enredos literários, como em “Casa de Pensão”.

Referências

- ALVES, Ana Elizabeth Santos. Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família. **Trabalho, educação e saúde**, v. 11, p. 271-289, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/8nTGWjJrv7MsqfCmLvZhvvL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 de fev. de 2023.
- AZEVEDO, Aluísio. **Casa de Pensão**. São Paulo: Principis, 2020.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Trad.: Sérgio Milliet. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019. (Vol. 1)
- BRUSCHINI, Cristina. TRABALHO FEMININO: Trajetória de um Terna, Perspectivas para o Futuro. **Estudos feministas**, p. 17-32, 1994. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43904483>. Acesso em: 20 de fev. de 2023.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles; PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol (Org.). **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CASAGRANDE, Sarah; ZOLIN, Lúcia Osana. A representação da mulher no conto “Colheita”, de Nélide Piñon: mulher emancipada. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 29, n. 1, 2007, p. 15-22.
- CYRINO, Rafaela. **Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado**. Sociologias, p. 66-92, 2009.
- DA COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. Unesp, 1998.
- ENNE, Ana Lucia; DE SOUZA, Bruno Thebaldi. O “Caso Capistrano” e o romance Casa de Pensão, de Aluísio Azevedo: algumas reflexões sobre ficção literária e ficção jornalística. **Galáxia**, n. 18, p. 204-216, 2009.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Editora Elefante, 2019.

KNONKEL, Eliane Nilsen; CARDOSO, Maria Angélica; HOFF, Sandino. A condição social e educacional das mulheres no Brasil Colonial e Imperial. **Roteiro**, v. 30, n. 1, p. 35-60, 2005.

MARX, Karl. **O Capital-Livro 1: Crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital**. Boitempo Editorial, 2015.

MEDEIROS, Joselaine Brondani. Os caminhos da leitura em Casa de pensão, de Aluísio Azevedo. **Todas as Letras-Revista de Língua e Literatura**, v. 11, n. 1, 2009.

MELO, Hildete Pereira de; CASTILHO, Marta. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? **Revista de economia contemporânea**, v. 13, p. 135-158, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na Sociedade de Classes**: mito e realidade. Petrópolis, Vozes, p. 384, 1976.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Nova Fronteira, 2019.

ZOLA, Emile. **O romance experimental e o naturalismo no teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Eduem, 2019.

Submetido em 10 de setembro de 2024.

Aceito em 24 de outubro de 2024.